

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

### ESTRATÉGIAS FAMILIARES NA FRONTEIRA DO PARANÁ (PALMAS, SÉCULO XIX)

Daniele Weigert\*

#### Introdução

Francisco Ignácio de Araújo Pimpão era um indivíduo de temperamento bizarro, de uma história de vida peculiar e de práticas inusitadas. Entre estas, estava o gosto excêntrico pela nomeação incomum, tradição familiar que começou quando ele decidiu acrescentar “Pimpão” ao seu sobrenome. Então, vieram os nomes dos filhos: Brasileiro Marcondes dos Campos Gerais, Amazonas de Araújo Marcondes, Napoleão Guerreiro de França<sup>1</sup>; dos netos: Amazonas Rio do Brasil Pimpão e Rivadavia Amazonas; e netas: Ormuzed e Boreal. Os demais descendentes deram continuidade a tal bizzarria, mesmo após a morte de Francisco<sup>2</sup>.

As peculiaridades familiares não se restringiam ao nome adotado, ao contrário, elas são marcantes desde o nascimento de Pimpão. Embora ele fosse reconhecido como filho natural legítimo de Domingos Ignácio de Araújo e, por conseguinte, neto de Manoel José Araújo, grande fazendeiro de Palmeira, no Paraná, considerado um dos fundadores da cidade, sua nobre linhagem carregava a mácula do desconhecimento materno, o que indicava uma provável origem humilde da progenitora, identificada como “incógnita” no seu assento de casamento. A importância da família paterna, em contrapartida, permitiu-lhe casar bem, unindo-o ao tronco familiar Rodrigues de França, uma importante família paranaense (NEGRÃO, 1929).

Veríssimo José Gomes e Rita Maria do Nascimento, conhecida como Rita da Cancela, eram os pais tanto da esposa escolhida por Pimpão, Maria Josefa de França, quanto da esposa de Domingos Ignácio (MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE PALMEIRA, 1827-1878, fl. 21, verso). Isso quer dizer que Maria Josefa era ao mesmo tempo esposa de Pimpão e irmã de sua madrastra. As intrincadas relações estabelecidas pelo matrimônio de Francisco

---

\* Doutoranda do Programa de História Econômica da Universidade de São Paulo-USP.

<sup>1</sup> Consta que alguns de seus filhos, ao longo dos anos, mantiveram apenas o primeiro nome, adotando o sobrenome da família ou outros.

<sup>2</sup> A constatação de uma “bizzarria de temperamento” de Francisco Pimpão é afirmação do genealogista Francisco Negrão (1929, p. 452).

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

apagavam, dessa forma, qualquer traço de humildade proveniente da origem materna e ainda o aproximavam do tronco das parentelas mais tradicionais do Paraná.

Apesar de tudo isso, como filho bastardo, esse primeiro Pimpão possivelmente avaliava que tinha menos oportunidades de herdar muita coisa de seu pai, diante de seus irmãos tidos dentro do casamento. Talvez isso o tenha motivado a se deslocar para os sertões povoados pelos temidos *kaingang*, com a bandeira de Pedro de Siqueira Cortes, que buscava se apossar dos Campos de Palmas<sup>3</sup>, em fins da década de 1830 (ACTA DE ENTENDIMENTO, 1936, 319-320).

Nessa empreitada, Francisco conseguiu fundar a fazenda Cruzeiro - a única declarada em seu inventário e que, quando de sua morte, pôde deixar de herança para seus filhos, além de 14 escravos, muitos animais e alguns objetos. No final, os bens deixados por ele foram avaliados em 73 contos e 573 mil réis - uma grande fortuna para os padrões da recém-fundada Palmas, no ano de 1876 (INVENTÁRIO DE BENS DE FRANCISCO IGNÁCIO, 1876).

Tal fortuna, no entanto, poderia se dissolver diante do elevado número de filhos que Pimpão e Maria Josefa tiveram. Essa preocupação fez com que Francisco, provavelmente, assim como seu pai, influenciasse os casamentos de seus filhos, providenciando arranjos matrimoniais junto a grandes fazendeiros locais e a importantes famílias paranaenses, que eram economicamente vantajosos. Assim, em vida, ele casou sete de seus onze filhos. Entre eles, estavam as quatro meninas. A primeira foi Dona Flavia Cezarina do Nascimento (1857); depois, Amélia Marcondes Teixeira de França (1860); em seguida, Dona Maria Rita do Nascimento (1869); e, a última a se casar, Maria das Dores França (1871).

### **Dona Flavia Cezarina do Nascimento**

Flavia nasceu no dia nove de outubro de 1836, em Palmeira (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMEIRA, 1834-1851, fls. 22 e verso), um ano após o casamento de seus pais e pouco tempo depois de Francisco ter se aventurado na bandeira de Pedro de Siqueira Cortes. Possivelmente, ela deve ter permanecido com seus pais na casa de seu avô paterno,

---

<sup>3</sup> Campos localizados no atual sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

em Palmeira, durante os primeiros anos de vida, até Pimpão, vendo seu núcleo familiar crescer e avaliando as baixas possibilidades de herdar grandes fortunas de seu pai, decidir se aventurar pelos sertões em busca de terras. Em seguida, é provável que a moça tenha migrado, ainda na infância, com seus pais, para a Fazenda Cruzeiro, fundada em Palmas.

Por ser a mais velha dos 11 filhos da união de Francisco e Maria Josefa, Flavia foi a primeira a se casar. No dia 16 de maio de 1857, com 20 anos de idade, ela contraiu matrimônio com o comerciante Antônio Joaquim do Amaral Cruz, de aproximadamente 25 anos de idade, natural do Rio de Janeiro (MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE PALMEIRA, 1827-1878, fl.109, verso), com quem passou a viver em Palmas.

O inventário de Antônio Joaquim, feito em 1902, arrolou casas, terrenos, um engenho de serra em ruínas, alguns animais, poucos móveis e gêneros diversos de negócio, além de um crédito de mais de 15 contos de réis devido por várias pessoas. Descontadas as dívidas, que ele também possuía, de pouco mais de 11 contos, o patrimônio de Antônio foi avaliado em 17 contos, 628 mil e 770 réis (INVENTÁRIO DE BENS DE ANTÔNIO JOAQUIM, 1902).

Menos abastados que seus cunhados e irmãos, o casal se manteve focado no comércio, vendendo parte da Fazenda Cruzeiro, herdada de Francisco Pimpão, a Brasileiro Marcondes Pimpão (Brasileiro dos Campos Gerais Pimpão), seguindo talvez uma estratégia familiar para manter a fazenda original indivisível (LIVRO DE NOTAS n° 6, fl. 32 e verso).

Em outubro de 1871, porém, o casal comprou de Dona Domitila Maria das Neves uma parte de campos, matos e suas benfeitorias em Campo Alto, mas o que poderia sugerir uma possível mudança de rumo econômico, não acontece, pois a propriedade é vendida em seguida à compra, tendo o casal barganhado apenas a quantia de 80 mil e 198 réis, uma vez que ela fora comprada por 919 mil e 802 réis e vendida por 1 conto de réis (LIVRO DE NOTAS n° 3, fls. 2 verso, 3 verso, 7-8).

Antônio Joaquim também figurou em várias procurações, nomeado para assinar ou realizar escrituras de venda de escravos e terras ao longo do século XIX, o que reforça a relação do casal com o comércio e o provável prestígio de bom vendedor do rapaz. Além disso, ele se serviu procurador em negócios do grupo familiar de Flavia, e ambos foram testemunhas nos casamentos dos cunhados, irmãos e sobrinhos.

Apesar de uma união aparentemente estável economicamente e duradoura, visto que apenas se separaram devido à morte repentina de Antônio, em 1902, (ÓBITOS DA

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1905, fls. 82 verso, 83), portanto, com mais de 40 anos de casados, o casal não teve filhos. A viúva Flavia Cezarina não contraiu novas núpcias e morreu no dia 14 de julho de 1920, depois de ter recebido várias vezes o último sacramento (ÓBITOS DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1906-1958, fl. 39 verso). Ela foi enterrada em Palmas, no mesmo túmulo que seu marido.

### **Amélia Marcondes Teixeira de França**

Amélia foi a terceira filha de Pimpão e de Dona Maria Josefa a ser batizada (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMEIRA, 1834-1851, fl. 107). O batismo ocorreu quando ela tinha um mês de idade, no dia 12 de março de 1843, em Palmeira, na mesma paróquia onde, mais tarde, em 1860, ela se casaria com Frederico Teixeira Guimarães. Seu matrimônio, porém, durou pouco, pois Amélia morreu oito anos depois, não deixando filhos (MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE PALMEIRA 1827-1878, fls. 137 e verso).

Há poucas informações disponíveis sobre as origens de Frederico. Em relação à vida do casal, contudo, o inventário de Amélia dá algumas pistas. Quando a moça morreu, pai e marido foram arrolados como seus herdeiros, tendo direito, cada um, a metade dos bens deixados. Amélia tinha um escravo, algumas reses e pouquíssimos móveis, sendo que todo o seu patrimônio foi avaliado em pouco mais de quatro contos de réis. Como não foram descritas terras entre os bens acima citados, deduz-se que o casal deva ter ficado na fazenda de Pimpão, tendo em vista que, aparentemente, Frederico não tinha parentes em Palmas (INVENTÁRIO DE BENS DE AMÉLIA MARCONDES, 1869).

Pimpão, ao fim do processo, declarou, por escrito, estar satisfeito com a partilha da herança de sua sempre lembrada filha (LIVRO DE NOTAS nº 2, fl. 29). Frederico, por sua vez, tornou-se um próspero fazendeiro, contraindo novo matrimônio. Ele teve nove filhos e reconheceu outro, nascido em 1859, ou seja, um ano antes do casamento com Amélia. Entre suas propriedades, estavam parte das Fazendas Cedro, Caldeiras, Santa Anna e São Roque, além de casas e terrenos em União da Vitória (INVENTÁRIO DE BENS DE FREDERICO TEIXEIRA, 1897). Destas propriedades, sabe-se que a Fazenda Caldeira foi adquirida por

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

Frederico em 1875 (LIVRO DE NOTAS nº 4, fls. 45 verso, 47) e como nenhuma delas foi arrolada no inventário de Amélia, é possível que todas foram compradas depois de sua morte.

Embora curto e diretamente pouco lucrativo para Frederico (que poderia ser também um negociante, segundo sugerem algumas procurações em seu nome), o enlace com a filha de Pimpão também trouxe vantagens. Ele encobriu a condição desfavorável do rapaz de ser um possível forasteiro em Palmas, e ainda o inseriu numa família bastante influente, permitindo-lhe acesso a outras redes de contato, como a que propiciou os negócios com Antônio Joaquim do Amaral Cruz, intermediário na compra da Fazenda Caldeira.

### **Dona Maria Rita do Nascimento**

Francisco Pimpão teve duas filhas de nome Maria, uma batizada em 1852 e outra no ano seguinte. Dessa forma, a idade de Maria Rita é incerta. Cogita-se que ela seja a segunda Maria, isso porque sua madrinha também se chamava Maria Rita e o nome poderia ter sido uma homenagem. (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMEIRA, 1851-1855, fl. 24).

Em 1869, Dona Maria Rita se casa com Amálio Boaventura da Silva, que provavelmente era seu primo (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1894, fl. 15)<sup>4</sup>. Assim como sua malfadada irmã, Maria Rita também morre jovem, em setembro de 1872, perto de completar três anos de casada (ÓBITOS DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1905, fl. 16). Apesar de o óbito não detalhar a causa da morte, Francisco Negrão (1929, 468) afirmou, em sua genealogia, que ela faleceu de parto do seu único filho.

Apesar de terem se casado em Palmas e do óbito ter sido registrado no local, nenhum inventário foi encontrado. Amálio aparece em apenas uma procuração, onde assina como testemunha. Por isso, pouco se sabe sobre qual atividade desenvolvia e se realmente o casal viveu em Palmas.

### **Maria das Dores França**

---

<sup>4</sup> Amálio era filho de Ana Amália de França, possivelmente irmã de Maria Josefa de França, entretanto como não há a dispensa da Igreja pelo parentesco, fica-se com a dúvida.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

Maria das Dores França foi a última filha mulher de Pimpão a se casar. Ela contraiu núpcias em Palmas, com Estevão Ribeiro do Nascimento Filho, que também vivia na cidade com os pais, que eram fazendeiros, no ano de 1871 (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1894, fl. 17 verso). Dona Gertrudes Maria de Almeida e Sá, a mãe do rapaz, era irmã do Visconde de Guarapuava. O matrimônio de Estevão foi motivo de grande felicidade para todos e do início das alianças que a família de Pimpão realizaria com fazendeiros de Palmas. Em comemoração, os pais do noivo libertaram a escrava Vicência, e Napoleão, irmão da noiva, fez o mesmo com a escrava Maria (LIVRO DE NOTAS nº 2, fls. 44 e verso).

Maria das Dores, no entanto, não teve filhos e morreu antes do ano de 1890, quando seu viúvo contraiu novas núpcias. No assento do segundo casamento de Estevão, ele ostentava o título de Major e declarava ao padre que Maria das Dores havia morrido em Paranaguá (MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE CURITIBA, 1889-1892, fl.47).

\*\*\*

As desventuradas filhas de Pimpão não deixaram descendência. Com exceção de Dona Flavia, as outras irmãs provavelmente devem ter morrido por complicações advindas de parto, do desgaste de alguma gravidez interrompida ou do drama da infertilidade e das possíveis pressões decorrentes dela.

Os seus sete irmãos tiveram vida longa, entretanto, dois deles passaram pelo mesmo drama de não terem filhos em seus casamentos. Foi o caso de João Antônio de Araújo e Amazonas de Araújo Marcondes. Com trajetórias semelhantes aos de seus cunhados, Amazonas, tal qual Estevão Ribeiro, casou-se depois de ficar viúvo e teve grande prole; já João, como Antônio do Amaral, morreu antes de sua única mulher, sem filhos consanguíneos.

Os outros cinco irmãos seguiram uma trajetória semelhante a de seu pai, casando-se uma única vez e, com exceção de Brasileiro Marcondes Pimpão, com grande prole. Foi assim com Francisco de Assis e Araújo Pimpão, Manoel Ignácio de Araújo Pimpão, Domingos Ignácio de Araújo Pimpão e Napoleão Marcondes de França.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

### **Francisco de Assis e Araújo Pimpão**

Nascido em 1840, Francisco de Assis e Araújo Pimpão era o primeiro filho homem do orgulhoso Francisco, que lhe deu o seu nome (BATISMO DA PARÓQUIA DE GUARAPUAVA, 1820-1851, fl. 38 verso). O segundo Francisco Pimpão se casou em 1868, com Dona Gertrudes Maria Ferreira, filha do finado José Ferreira dos Santos e Dona Núncia Maria Ferreira (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1894, fl. 22), fazendeiros em Palmas.

O sogro de Francisco foi o líder de uma das bandeiras que se apropriaram dos Campos de Palmas, e o avô materno de Dona Gertrudes participou da fundação de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

Um mês antes do casamento de Dona Gertrudes, o pai dela morre. Quando os bens foram divididos entre os herdeiros, ela já estava casada e recebeu uma herança avaliada em mais de dez contos de réis, da qual foi descontada uma considerável dívida de três contos e 590 mil réis do Pimpão com seu pai. Por isso, Gertrudes herdou apenas animais e dois escravos, recebendo terras provavelmente somente após a morte de sua mãe (INVENTÁRIO DE BENS DE JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS, 1868).

No mapeamento das fazendas de Palmas, Francisco de Assis aparece como proprietário da Fazenda São Miguel (MENDES, 1989, p. 161). Entretanto, não é possível saber se essa fazenda foi obtida por compra ou por herança, mas, com certeza, os bens recebidos quando da morte dos progenitores de Francisco de Assis e de Dona Gertrudes facilitaram a vida do casal.

Descendentes de pioneiros e grandes fazendeiros, o casal teve cinco filhos (NEGRÃO, 1929, p. 467) e deve ter vivido da criação de gado, cujos rebanhos de animais e terras foram herdados de seus pais.

### **Domingos Ignácio de Araújo Pimpão**

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

Domingos Ignácio de Araújo Pimpão nasceu em 1842 (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMEIRA, 1834-1851, fl. 93 verso). Homônimo de seu avô paterno, ele se casou em 1864, com aproximadamente 22 anos de idade. Sua noiva, Maria Angélica de Paula e Araújo, era filha de Hermenegildo Alves de Araújo e de Dina de Paula Lima (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE GUARAPUAVA, 1822-1869, fls. 124 e verso).

O avô materno de Angélica era o Sargento-Mor Francisco de Paula Xavier Bueno, e o pai da moça, fazendeiro em Guarapuava. Este chegou a assinar a ata de entendimento da mesma bandeira de que Francisco Pimpão participou, mas como não acompanhou de fato a expedição de Palmas, ficou fora da divisão das terras (ACTA DE ENTENDIMENTO, 1936, p. 319-320).

É provável que Domingos e Maria foram residir na região de Guarapuava, onde se casaram, sob a proteção dos pais da noiva, tendo em vista que há poucas informações sobre o rapaz nos arquivos de Palmas. Na genealogia de Francisco Negrão (1929, p. 452), há apenas a referência aos cinco filhos que ele teve e a menção de sua ocupação como fazendeiro.

### **Manoel Ignácio de Araújo Pimpão**

Manoel foi batizado em Palmas, no ano de 1852 (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1870, fl. 18). Em 1875, casou-se com Rosa Ferreira de Almeida, filha de Maria Isabel do Belém e do Capitão José Joaquim de Almeida (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1884, fls. 56 e verso). Seu sogro era dono da fazenda Alegrete, em Palmas, e fez parte de uma das bandeiras colonizadoras da região.

Manoel estabeleceu, com essa união, uma das alianças mais bem-sucedidas em formação de patrimônio entre os filhos de Pimpão. A jovem Rosa era sobrinha de vários fazendeiros de Palmas, e ela e sua irmã eram as únicas filhas de José Joaquim. No ano de 1888, com a morte do pai, o patrimônio de 188 contos, 958 mil e 655 réis foi herdado pelas filhas, que receberam cerca de 40 contos cada uma, em terras, animais, móveis e créditos por dívidas, o que era mais que toda a meação deixada pelo primeiro Pimpão para que seus filhos dividissem (INVENTÁRIO DE BENS DE JOSÉ JOAQUIM, 1888).



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

Manoel e Rosa se tornaram proprietários da Fazenda Roseira, que pertencera ao Capitão José Joaquim. Lá, desenvolveram a criação de gados selecionados para o aperfeiçoamento da raça bovina da região. Além disso, Manoel, conhecido por DucaPimpão, também teve destaque no cenário político, ostentando o cargo de Deputado Estadual e sendo nomeado Juiz de Paz em Palmas.

O bem-sucedido casal teve treze filhos e comemorou em 1925 bodas de ouro em Curitiba. DucaPimpão (NEGRÃO, 1929, p. 462-463), entretanto, como seu pai, deve ter se preocupado com o destino de sua imensa prole e com a fragmentação da fortuna do casal. Sua filha Maria Josepha, por exemplo, recebeu deles uma casa de morada na cidade, em 1899, quando já era casada com o Doutor José Cesar de Almeida, juiz baiano (LIVRO DE NOTAS nº 21, fls. 10 e verso). Dessa forma, Duca e Rosa, pela transferência de bens do casal, beneficiavam seus filhos, que poderiam usufruir de sua provável herança antes da morte dos longevos pais.

### **Brasileiro Marcondes Pimpão**

Brasileiro Marcondes Pimpão, ou Brasileiro dos Campos Gerais Pimpão, ou Brasileiro Odorico de Araújo Pimpão, foi batizado com pouco mais de um ano de idade, em 1848 (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMEIRA (1834-1851), fl. 210 verso). Casou-se na Lapa, em 1879, com Ignacia Maria do Amaral e Silva (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DA LAPA (1876-1883), fls. 62 e verso). Sobre a família de sua noiva, sabe-se apenas que seu pai era Capitão e teve um irmão ligado à política e com cargos no judiciário do Paraná.

Em 1875, Francisco Pimpão declarava que seu filho Brasileiro era capataz na Fazenda Cruzeiro (LIVRO DE NOTAS N. 4, fls. 72 e verso), parte da qual mais tarde ele compraria (aquela que ficou para sua irmã Flavia e seu irmão João (LIVRO DE NOTAS N. 15, fls. 15 verso, 16 e verso). Em 1894, a fazenda ainda permanecia sem demarcação, sendo que deveria ser dividida em três partes, ficando uma para Brasileiro e as duas outras para seus irmãos Francisco de Assis e Manoel Ignácio (LIVRO DE NOTAS nº 23, fls. 8 verso, 9).

Brasileiro, possivelmente, era criador de gado, mas deve ter se aventurado no beneficiamento do milho, comprando de Galdino José Ricardo uma roca de milho com dois

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

alqueires, em troca de gado para carnear. Para a surpresa de Brasileiro, contudo, o vendedor da roca consumiu o gado, mas negociou a mesma roca para um segundo comprador (AUTO DE PROTESTO MOVIDO POR BRASILEIRO, 1893).

O rapaz também parece ter enfrentado problemas com a mão de obra que empregava em sua propriedade porque, em 1879, Antônio José Dala Joana nomeou um procurador para cobrar pelo período de dois anos em que prestara serviços de lavoura para Brasileiro (LIVRO DE NOTAS nº 6, fls. 9 verso, 10).

Com a morte de seu pai e o provável consenso de que a Fazenda Cruzeiro deveria ficar indivisível, os 14 escravos se tornavam o principal bem para compor a herança de seus irmãos casados que se desligaram da propriedade, assim como Dona Flavia, Amélia, Maria das Dores e Domingos. Mesmo que a esposa de Brasileiro pudesse ter trazido ou herdado escravos para ajudar, as dificuldades devem ter aumentado com o fim da escravidão.

Os anos de 1895 e 1896 foram difíceis para Brasileiro e Dona Ignacia. Em junho de 1895, eles tiveram que vender parte de pastos e campos em Lontras, que ficava dentro do círculo da Fazenda Cruzeiro (LIVRO DE NOTAS nº 17, fls. 29, 30 verso). Dois meses depois, vendem também outra parte dos mesmos campos. Em janeiro do ano seguinte, é a vez se desfazem dos denominados “Invernadinha”, campos anexos à mesma fazenda. No dia vinte do mesmo mês, venderam mais campos da Fazenda Cruzeiro. No dia seguinte, ocorreu a venda de parte de terras no Covozinho, que receberam de herança de Dona Maria das Dores, irmã de Brasileiro (LIVRO DE NOTAS nº 18, fls. 1 verso, 2 verso, 31, 32 verso, 38 e verso, 39, 40).

Brasileiro e Ignacia tiveram uma única filha - a jovem Aurora Marcondes, que se casou aos 16 anos com o agrimensor Felipe Schell Loureiro (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1897-1904, fls. 56 e verso).

Apesar das constantes vendas das terras da família que Brasileiro realizou, o fato de ter uma única filha contribuiu para que os possíveis bens deixados por ele não passassem pela fragmentação. Entretanto, não há informações da provável herança que Brasileiro e sua esposa podem ter deixado a sua filha. Os registros também não indicam as causas de tantas vendas que fizeram.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

### **Napoleão Marcondes de França**

Napoleão Guerreiro de França, que mudou seu incomum nome para Napoleão Marcondes de França, foi batizado em Palmas, no ano de 1844 (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1870, fl. 6 verso). Em 1881, casou-se com Dona Olímpia de Oliveira Silveira, filha do Alferes Arlindo Silveira Miró e de Dona Maria Cândida de Oliveira Silveira (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1884, fl. 104).

Arlindo Miró era fazendeiro e exerceu diversos cargos públicos em Palmas. Quando morreu, deixou uma fortuna de 30 contos e 453 mil réis. Descontando a dívida de quatro contos, 41 mil e 454 réis, bem como a meação da viúva, os seus oito filhos e um neto tiveram que dividir pouco mais de 13 contos de réis. Napoleão e Olímpia ficaram com animais e uma parte do potreiro em Palmeira - tudo avaliado em 1 conto, 467 mil e 308 réis (INVENTÁRIO DE BENS DE ARLINDO SILVEIRA, 1891).

Com a parca fortuna que herdou do pai e de seu sogro, Napoleão precisou se virar para manter seu núcleo familiar em uma situação econômica estável. Por isso, ao longo de sua vida, desenvolveu a atividade de negociante e fazendeiro em Palmas e Porto União, além de exercer vários cargos públicos (NEGRÃO, 1929, p. 452).

Para ele, o prestígio de sua família na região e as prováveis boas relações que deve ter mantido com pessoas influentes, incluindo alguns de seus irmãos, foram certamente fatores importantes para sua sobrevivência, da esposa e dos sete filhos que tiveram.

### **João Antônio de Araújo Pimpão**

João era o filho caçula de Francisco Pimpão. Ele nasceu em Palmas, em 1855, sendo batizado na Lapa, no ano seguinte (BATISMO DA PARÓQUIA DA LAPA, 1853-1858, fl. 135). No ano de 1882, casou-se com Maria Joaquina de Almeida, filha de José Joaquim de Almeida e de Maria Isabel do Belém, irmã da cunhada Rosa (MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1884, fl. 112 e verso).

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

Como já foi dito, José Joaquim teve somente duas filhas, que herdaram uma grande fortuna. Dessa forma, assim como o irmão Manoel Ignácio, o casal era proprietário de uma fazenda, recebida como herança do Capitão José Joaquim.

Economicamente, João Antônio e Maria Joaquina foram bem-sucedidos, mas diferente de seus irmãos Manoel e Rosa, o casal não teve filhos. Se a preocupação de Francisco Pimpão e de alguns de seus irmãos era o destino dos inúmeros herdeiros, para o casal, o drama era outro.

Em 1893, Dona Maria Joaquina fez seu primeiro testamento, passados dez anos do casamento e diante do fato de não ter ainda filhos, ela declarou que deixaria a terça de todos os seus bens para a sua estimada e homônima criada, a quem criou “com amor de mãe”. A moça fora entregue pelos pais biológicos (citados no testamento) a Maria Joaquina sem nenhuma formalidade e, apesar de ser tratada como uma filha, não deixava de ser chamada de criada (LIVRO DE NOTAS n° 22, fls. 50 e verso).

Em 1896, um novo testamento foi feito pelo casal. Nas palavras de João, pode-se notar um traço de esperança em ter, um dia, filhos, pois ele diz “que de seu matrimônio não tiveram *ainda* filhos”. Dona Maria Josefa, em contrapartida, parecia conformada com o destino que tivera, ao afirmar “que de seu matrimônio nenhum filho tiveram”. Provavelmente, por isso, ela reafirmava a intenção de destinar a terça de seus bens para a criada, “em recompensa aos bons serviços que lhe tem prestado e amor que lhe consagra” (LIVRO DE NOTAS n° 23, fls. 65-66).

Os filhos não vieram e João Antônio morreu no dia dez de março de 1920. A viúva, inconsolável, tirou a própria vida dois dias depois (BAUER, 2002, p. 234). Sobre a estimada criada, é possível que ela tenha recebido a herança prometida, pois na lápide do jazigo onde o casal foi enterrado, além da menção de saudades dos irmãos Duca e Rosa, há uma declaração da gratidão de Maria Joaquina e Octavio, filha e genro adotivos.

### **Amazonas Araújo Marcondes**

Amazonas foi batizado no ano de 1846, em Palmas (BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMAS, 1843-1870, fl. 10). Ao longo de sua vida, ele teve destaque no cenário político e

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

econômico da região. Foi deputado estadual e explorou a navegação fluvial no Rio Iguaçu, tendo sido apontado como um dos responsáveis pelo desenvolvimento inicial de cidades como União da Vitória, no Paraná, e Porto União, em Santa Catarina.

Embora não haja documento de assento do matrimônio, sabe-se que ele foi casado com Guilhermina Loyola Marcondes, filha de Vicente Ferreira de Loyola, falecida em 1880. Os bens do casal, inventariados em 1882, mostram que Amazonas já estava, na ocasião, envolvido com negócios no Rio Iguaçu. Ele tinha armazéns, terrenos de pastagens margeando o rio e depósito de cargas no porto que levava seu nome. As quantidades de produtos também demonstram que ele desenvolvia atividades comerciais, pois havia milhares de tecidos, roupas, calçados e outras mercadorias compondo os bens do casal, além de alguns devedores.

O inventário de Guilhermina evidencia que o casal apostava alto: eles tinham dívidas com fornecedores, funcionários da casa de negócios e particulares, incluindo o irmão Manoel. A dívida de mais de 12 contos de réis, todavia, não ultrapassou a soma dos bens do casal, avaliada em 30 contos, 520 mil e 60 réis. Descontada na íntegra, Amazonas e seu sogro ainda ficaram com quase nove contos de réis (INVENTÁRIO DE BENS DE GUILHERMINA LOYOLA, 1891).

O viúvo Amazonas, que não tinha filhos, contrai novas núpcias em 1885. A escolhida é a jovem Dona Júlia Malheiros, de apenas 19 anos de idade (MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE CURITIBA, 1883-1885, fls.110 e verso). A descendência que veio para ele depois de seus 40 anos deve ter sido um alento. O casal teve nove filhos, dos quais três foram batizados em Curitiba e Palmeira. Como seu inventivo pai, o filho de Pimpão deu nomes incomuns a eles. Alguns, inclusive, acrescentaram Amazonas ao sobrenome, demonstrando a influência que o pai exerceu sobre sua descendência.

Francisco Negrão (1929, p. 454-460) o enaltece na obra **Genealogia Paranaense**, afirmando que dos bens de Francisco Pimpão, Amazonas ficou apenas com o que seus irmãos não queriam. Quanto aos escravos a que tinha direito pela herança, deu a todos a liberdade, mas se recusou a dar-lhes a carta de alforria, alegando não querer sequer ter seu nome como referenciado a alguém que, um dia, teve escravos. Os gratos libertos se recusaram a abandonar o “Sinhô Moço”, tornando-se trabalhadores assalariados de Amazonas. Não há, contudo, fontes que confirmem essa versão, até porque se assim ocorreu, o próprio Amazonas se

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

recusou a produzi-las. Entretanto, também não existe registro, como contratos de trabalho, por exemplo, nas fontes de Palmas, que comprovem o trabalho assalariado dos ex-escravos.

Sem dúvida, o Coronel Amazonas foi um homem importante e um grande empreendedor, com destaque na política e na economia. Depois de sua morte, em 1924, sua figura ganhou, inclusive, ares de mito pela região.

Diferentemente dos irmãos homens, Amazonas enveredou por caminhos antes não experimentados pela família. Investiu na ida para o pouco habitado Porto da União e lá desenvolveu atividades comerciais, construindo ou comprando a estrutura de armazenamento dos produtos escoados pelo Rio Iguaçu. Dessa forma, certamente, foi o que mais ganhou destaque no Paraná. Os registros dispersos da família de Amazonas demonstram que ele transitava por todo o estado, alcançando o prestígio tanto desejado por seu pai para toda a família.

### **Conclusão**

O incomum Francisco Ignácio de Araújo Pimpão foi um exemplo dos muitos patriarcas do século XIX preocupados com o destino de seus descendentes em um mundo que se transformava. Carregando provavelmente o estigma de filho bastardo, o primeiro Pimpão muito cedo percebeu que deveria ser proativo para garantir um destino próspero para seus filhos.

Com a ajuda de seu pai, ele deu o primeiro passo, casando-se com Dona Maria Josefa, pertencente à família prestigiada de sua madrasta. Casado e com uma filha, Francisco Pimpão, então, deu o segundo passo ao se deslocar para os Campos de Palmas, dando a sua família o prestígio que a posse de terras representava na sociedade paranaense da época.

O terceiro passo foi arranjar bons casamentos para seus filhos. Em vida, casou as quatro filhas, entretanto não pôde evitar a má sorte que as acompanhou. As moças de Pimpão morreram sem deixar netos. Os consórcios feitos por elas com os matrimônios, contudo, não foram malsucedidos em termos econômicos para a família. Dona Flavia herdou sozinha os bens acumulados por ela e seu marido. A jovem Dona Amélia deixou seu velho pai satisfeito com a herança que deixara. Dona Maria Rita reiterou a união com a prestigiada família de sua

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

15

mãe. E sua última filha a casar, Dona Maria das Dores, além de contrair matrimônio com um filho de influente família, também deixou terras a seus irmãos.

Se as desventuradas irmãs vivenciaram o drama da infertilidade, o pai e os irmãos, que tiveram grande prole, carregaram a incessante preocupação com a garantia do bem-estar de todos, não deixando que nada lhes faltasse. A associação com famílias influentes e a diversificação de atividades foram os meios empregados para conseguir acumular fortuna.

A primeira alternativa foi certamente seguida pelos filhos Francisco de Assis, Domingos, Manoel, Napoleão, Brasileiro e João Antônio. Casando-se com filhas de influentes parentelas do Paraná, eles tiveram mais ou menos sucesso econômico, mas todos aumentaram a visibilidade da família Pimpão no cenário regional, com destaque para Amazonas.

Tendo de dividir a herança deixada pelos seus pais em onze partes, alguns dos filhos homens de Pimpão, casados com moças de famílias também numerosas, foram obrigados a diversificar a atividade econômica. Foi assim com Napoleão e, provavelmente, com outros de seus irmãos.

Manoel e João Antônio, filhos mais novos de Pimpão, tiveram uma vida menos problemática em termos financeiros. Casados com as irmãs Rosa e Maria Joaquina, únicas herdeiras do abastado fazendeiro de Palmas, herdaram terras e animais de seus pais e sogros. Os dois casais eram certamente duas das famílias mais ricas de Palmas no início do século XX. Pode-se dizer que, pela longevidade das uniões, também foram os núcleos familiares mais bem-sucedidos entre os filhos de Pimpão, não fosse o drama da infertilidade do casal formado por João Antônio e Maria Joaquina.

Não apenas a fortuna advinda do consórcio com famílias ricas garantiu o coroamento do sucesso dos descendentes de Pimpão. Ele se deu, também, em decorrência das relações mantidas com parentelas de diversos lugares do Paraná, iniciadas ou reforçadas com arranjos matrimoniais. Além disso, a coesão do núcleo dos irmãos garantiu estabilidade econômica a boa parte deles. Com frequência, percebe-se um fazendo negócio com o outro, o que proporcionava êxito a todos.

Eis, portanto, o segredo do sucesso de Francisco Pimpão: as estratégias para alavancar sua família e a coesão que conseguiu difundir entre seus filhos. Estes foram os fatores determinantes para que sua descendência fosse tão bem-sucedida, tal qual ele sempre almejava.

## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

### Referências

AUTO DE PROTESTO MOVIDO POR BRASILEIRO Marcondes Pimpão, 1893. Palmas/PR: Vara cível de Palmas - PR.

BAUER, José de Araújo. **Reminiscências**: História de Palmas. Palmas: Ed. Kaygangue, 2002.

INVENTÁRIO DE BENS DE AMÉLIA MARCONDES Teixeira de França, 1869. Palmas/PR: Biblioteca do IFPR, Campus Palmas.

INVENTÁRIO DE BENS DE ANTÔNIO JOAQUIM do Amaral Cruz, 1902. Palmas/PR: Biblioteca do IFPR, Campus Palmas.

INVENTÁRIO DE BENS DE ARLINDO SILVEIRA Miró, 1891. Palmas/PR: Vara Cível de Palmas - PR.

INVENTÁRIO DE BENS DE FRANCISCO IGNÁCIO de Araújo Pimpão, 1876. Palmas/PR: Biblioteca do IFPR, Campus Palmas.

INVENTÁRIO DE BENS DE FREDERICO TEIXEIRA Guimarães, 1897. Palmas/PR: Vara Cível de Palmas - PR.

INVENTÁRIO DE BENS DE GUILHERMINA LOYOLA Marcondes, 1891. Palmas/PR: Biblioteca do IFPR, Campus Palmas.

INVENTÁRIO DE BENS DE JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS, 1868. Palmas/PR: Vara Cível de Palmas - PR.

INVENTÁRIO DE BENS DE JOSÉ JOAQUIM de Almeida, 1888. Palmas/PR: Biblioteca do IFPR, Campus Palmas.

LIVRO DE ASSENTOS DE BATISMO DA PARÓQUIA DE GUARAPUAVA (1820-1851). Guarapuava/PR: Arquivo da Igreja Matriz de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava.

LIVRO DE ASSENTOS DE BATISMO DA PARÓQUIA DA LAPA (1853-1858). Lapa/PR: Igreja Matriz de Santo Antônio da Lapa.

LIVRO DE ASSENTOS DEBATISMO DA PARÓQUIA DE PALMAS (1843-1870). Palmas/PR: Cúria Diocesana de Palmas.



## MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

17

LIVRO DE ASSENTOS DE BATISMO DA PARÓQUIA DE PALMEIRA (1834-1855). Palmeira/PR: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Palmeira.

LIVRO DE ASSENTOS DE MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE CURITIBA (1889-1892). Curitiba/PR: Igreja Nossa Senhora da Luz de Curitiba.

LIVRO DE ASSENTOS DE MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE GUARAPUAVA (1822-1869). Guarapuava/PR: Igreja Matriz de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava.

LIVRO DE ASSENTOS DE MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DA LAPA (1876-1883). Lapa/PR: Igreja Matriz de Santo Antônio da Lapa.

LIVRO DE ASSENTOS DE MATRIMÔNIO DA PARÓQUIA DE PALMAS (1843-1904). Palmas/PR: Cúria Diocesana de Palmas.

LIVRO DE ASSENTOS DE MATRIMÔNIOS DA PARÓQUIA DE PALMEIRA (1827-1878). Palmeira/PR: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Palmeira.

LIVROS DE NOTAS 2, 3, 4, 6, 15, 17, 18, 21, 22, 23 (1865-1904). Palmas/PR: Tabelionato Leining. Palmas.

LIVRO DE ASSENTOS DE ÓBITOS DA PARÓQUIA DE PALMAS (1843-1958). In: Paróquia do Senhor Bom Jesus de Palmas.

MENDES, Adilson Miranda. **Origem e composição das fortunas na sociedade tradicional paranaense**: Palmas (1859/1903). Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Departamento de História, Universidade federal do Paraná, Curitiba, 1989.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia Paranaense**. v. 3, Curitiba: Cromos, 1929.

ACTA DE ENTENDIMENTO assignada entre os pretendentes ao povoamento dos campos de Palmas chefiados por Pedro de Siqueira Cortes. In: **Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"**, Curitiba/PR, pp. 319-320, 1939. Secção de Documentos.